

Sistema Cooperativo na Viticultura: alternativa para maximizar o resultado econômico e financeiro das propriedades rurais

NEUZA CORTE DE OLIVEIRA
Universidade Estadual de Maringá

MARGUIT NEUMANN GONCALVES
Universidade Estadual de Maringá

ÉMILE DE OLIVEIRA
Universidade Estadual de Maringá

SIMONE LETICIA RAIMUNDINI
Universidade Estadual de Maringá

ROBERTO RIVELINO MARTINS RIBEIRO
Universidade Estadual de Maringá

SISTEMA COOPERATIVO NA VITICULTURA: alternativa para maximizar o resultado econômico e financeiro das propriedades rurais

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apurar o resultado individual das propriedades produtoras de uva e o resultado em forma de cooperativa para vislumbrar o resultado econômico financeiro. Tal iniciativa pode proporcionar aos produtores alternativas para solucionar as dificuldades para manterem suas propriedades viáveis, em razão das limitações enfrentadas nas diversas etapas do processo produtivo, sendo que a maior delas encontra-se na compra de insumos, pois além das restrições de crédito, tem desvantagens no volume de aquisição, refletido assim diretamente no preço. Portanto, o estudo buscou responder o seguinte problema de pesquisa: a constituição de uma cooperativa de produtores de uva de mesa maximizaria o resultado operacional dos associados? A metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo foi classificada quanto: objetivo exploratório; natureza do problema aplicada; abordagem do problema qualitativa; procedimentos técnicos estudo de caso; método de abordagem dedutivo; ambiente de campo. Para coletar os dados utilizou-se de entrevista padronizada. Diante do contexto apresentado coletou-se os dados em 20 propriedades, identificando área de plantio, quantidade colhida, preço de comercialização e análise dos custos incorridos na produção, incluindo inicialmente a compra individual e depois a coletiva. Com os dados das propriedades e utilizando o custeio variável foi elaborada a demonstração do resultado de forma comparativa da safra normal de uva para o período de janeiro a junho de 2013. O resultado apresentando demonstra que pelo sistema cooperativo o resultado operacional é de R\$ 144.654,46 enquanto individualmente é de R\$ 58.811,76, o que demonstra a importância do sistema para os produtores locais.

Palavras-chave: Sistema cooperativo; Propriedade rural; Viticultura; Resultado operacional.

1 INTRODUÇÃO

A agricultura é indispensável para o desenvolvimento dos países, principalmente, por ser responsável pela produção de alimentos, fornecimento de matérias-primas para as indústrias e ainda com uma grande representatividade econômica nas exportações. Segundo Oliveira (2010, p. 16) “todo o conjunto de atividades desenvolvidas no meio rural, das mais simples às mais complexas [...] inclusive as agroindústrias” que constituem a agricultura, incluem-se no setor primário, de acordo com a classificação dos setores da economia: primário (exploração de recursos naturais); secundário (transformação de matérias-primas primárias em produtos industrializados) e terciário (serviços).

Considerando o desenvolvimento e a evolução dos setores ao longo do tempo, alteraram-se muitas das características primitivas da agricultura. Como indício disto, a crescente industrialização levou ao aumento da população urbana em contrapartida a redução da população rural. As propriedades rurais começaram a perder sua autossuficiência dependendo cada vez mais de externalidades, como: insumos, serviços, estradas, armazéns, portos, aeroportos, softwares, bolsas de mercadorias, pesquisas, novas técnicas, etc. (OLIVEIRA, 2010).

A partir disso, a agricultura começa a assumir um novo conceito, que considera não somente suas atividades isoladamente, mas sim uma cadeia com diversos fatores interdependentes. É a partir dessa análise de interdependência e ligação de fatores que vão além do conceito da agricultura, que surge o termo agribusiness (agronegócio, em português), criado por Ray Goldberg e John Davis que constataram que “as atividades rurais e aquelas ligadas a elas não poderiam viver isoladas” (PIZZOLATTI, 2004, p. 2).

O agronegócio compreende, portanto, toda a cadeia de produção, desde a fabricação de equipamentos, insumos, a produção agropecuária propriamente dita e após, a transformação, processamento e comercialização de matérias-primas e produtos agropecuários. Vê-se então, o agronegócio como um sistema complexo que abrange além do produtor, os fornecedores de insumos e equipamentos, as agroindústrias, Governo, os mercados e entidades comerciais, financeiras e de serviços, formando uma cadeia suscetível a efeitos causados por qualquer destes elos. A partir da adoção dessa abordagem do agronegócio, os produtores passam a ter visão ampla, e a necessidade de conhecer e entender todos os aspectos que envolvem a cadeia produtiva ou o sistema do agronegócio.

Marion (1996, p. 43) ressalta que “a agricultura será tão mais próspera quanto maior for o domínio que o homem venha a ter sobre o processo de produção, que se obterá na medida do conhecimento acerca das técnicas de execução e gerência”. Para tanto, destaca-se a importância dos produtores na busca por informações úteis e necessárias a atividade vinculada ao conhecimento para tomar decisões confiáveis, principalmente numa atividade cujos riscos são considerados elevados em comparação com outros setores.

Grande parte destes riscos estão ligados a peculiaridades que cercam as atividades rurais que devem ser levadas em conta, como a dependência climática, a sazonalidade de produção, a oscilação de preços dos produtos, entre outros.

Dentre as possibilidades existentes para o pequeno produtor encontra-se a alternativa de formação de uma cooperativa como forma de aumentar a renda dos produtores. Diante desse contexto é que o presente estudo se propôs a responder o seguinte problema de pesquisa: A constituição de uma cooperativa de produtores de uva de mesa maximizaria o resultado operacional dos produtores rurais?

Para responder a essa pergunta, estabeleceu-se o seguinte objetivo: apurar o resultado individual das propriedades e o resultado em forma de cooperativa para vislumbrar o resultado econômico financeiro. O estudo delimita-se em abordar a formação de uma cooperativa com 20 propriedades produtora de uvas, com áreas variadas, em média 5 hectares,

localizados no município de Marialva, Estado do Paraná. A coleta de dados compreendeu a safra normal de 2013 no período de janeiro a junho.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Cooperativismo no Brasil

No Brasil os ideais cooperativistas começaram a ser conhecidas desde a época da colonização portuguesa, e emergiu a partir do Movimento Cooperativista Brasileiro no final do século XIX. Antes disso, algumas formas de associativismos foram encontradas ainda nos séculos XVI e XVII com a instalação das reduções jesuíticas, que eram baseadas em ajuda mútua entre seus membros. Conforme Michels *apud* Santos; Gouveia; Vieira (2008, p. 6) “não havia propriedade privada e o socialismo era praticado em seu sentido mais amplo, tal procedimento fazia parte da cultura dos índios e foi incentivado pelos padres jesuítas”.

Atualmente, existem cooperativas em 13 setores da economia, todas representadas pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) nacionalmente e pelas organizações estaduais (Oce's) nas unidades da federação.

Para melhor cumprir sua função de entidade representativa do cooperativismo brasileiro, a OCB estabeleceu os ramos do cooperativismo com base nas diferentes áreas em que o movimento atua. As atuais denominações dos ramos foram aprovadas pelo Conselho Diretor da OCB, em 1993. A divisão também facilita a organização vertical das cooperativas em confederações, federações e centrais. Embora o estudo se restrinja somente a cooperativa agropecuária, mas com o intuito de explanação têm-se as que seguem: Agropecuária; Consumo; Crédito; Educacional; Especial; Habitacional; Infraestrutura; Mineral; Produção; Saúde; Trabalho; Transporte; Turismo e Lazer (OCB/GO, 2009).

O ramo agropecuário segundo informações obtidas no site da OCB (2013) é composto de produtores rurais ou agropastoris e de pesca, cujos meios de produção pertencem ao associado. É um dos ramos com maior número de cooperativas e de associados no Brasil. Essas cooperativas geralmente cuidam de toda a cadeia produtiva, desde o preparo da terra até a industrialização e comercialização dos produtos.

Dados obtidos junto ao site da OCB (2013) a partir de 1907, em Minas Gerais, foram organizados as primeiras cooperativas agropecuárias. João Pinheiro, governador daquele Estado, lançou seu projeto cooperativista com o objetivo de eliminar os intermediários da produção agrícola, cuja comercialização era controlada por estrangeiros. O café era o carro chefe das suas preocupações e criou-se uma seção exclusiva para o produto, concedendo-lhe isenções fiscais e estímulos materiais.

Segundo dados da OCB (2013) as cooperativas agropecuárias também foram surgindo no Sul do Brasil, principalmente nas comunidades de origem alemã e italiana, conhecedoras do sistema cooperativista europeu. As cooperativas agropecuárias se dividem, conforme os tipos dos produtos com os quais trabalham. Muitas são mistas, ou seja, têm mais de uma seção: a de compras em comum (para compra de insumos, adubos, sementes, instrumentos etc.) e a de vendas em comum (venda dos produtos dos cooperados).

Conforme a OCB (2013), a gestão das cooperativas de cada ramo diferencia-se em função de fatores como a área de atuação, educação cooperativista, estrutura administrativa e organizacional, conhecimento, experiência, habilidades e atitudes de seus administradores. Com relação ao número de cooperativas nesse ramo, existente no país 1.523, com 969.541 associados gerando 155.896 empregos diretos e com US\$ 6,1 bilhões exportações diretas.

Após uma breve explanação sobre o cooperativismo no Brasil, o presente trabalho se interessa por ferramentas gerencias, as quais se encontram na contabilidade de custos, que possam auxiliar na tomada de decisão. Para tanto, buscou-se dentre os métodos de custeio existentes o método que poderia auxiliar na resolução do problema de pesquisa proposto pelo

estudo, a saber, o método de custeio variável. Assim, as premissas relacionadas a esse método de custeio são objeto da próxima subseção.

2.2 Custos para decisão e o método de custeio variável

De acordo com Martins (2006, p. 22) “no que tange à decisão, seu papel [...] consiste na alimentação de informações sobre valores relevantes que dizem respeito às consequências de curto e longo prazo” sobre as operações da empresa.

Martins (2006) explica que a importância dos custos para tomada de decisão são reflexos da alta competitividade que está ocorrendo nos mercados. Assim, definido o preço e vitalmente conhecendo seus custos poderá saber, por exemplo, se o produto é ou não rentável e se é possível reduzir os custos. Para tanto, a necessidade de adotar-se um método adequado para tomada de decisões se torna explícita.

Dentre os métodos de custeio existentes que contribuem para tomada de decisões destaca-se o custeio variável. Esse método surgiu da necessidade de amenizar as distorções com relação aos critérios de rateio dos gastos fixos nos métodos de custeio existentes, como no custeio por absorção que não apresentava lógica na realização de rateios (arbitrários) e sendo falho com relação a informações de cunho gerencial. O custeio variável não é aceito pela legislação como base para a preparação das demonstrações contábeis voltadas a usuários externos, mas é “[...] utilizado amplamente por todos os gerentes, quando devem tomar decisões operacionais [...]” (LEONE, 1997, p.326).

Martins (2006, p. 197) atribui a apropriação dos custos fixos aos produtos como responsável pela falta de utilidade das informações para fins gerenciais dos métodos de custeio que adotam essa forma de apropriação dos custos. Os aspectos dos custos fixos acabam de alguma maneira influenciando na geração da informação que, gerencialmente analisada, não seria de grande utilidade, visto que os valores dos custos dos produtos estariam distorcidos por essa apropriação dos custos fixos.

Assim, surge a solução a esta questão que é o método do custeio variável que segundo Martins e Rocha (2010, p.65) “considera como sendo dos produtos exclusivamente seus custos variáveis, somente eles. Todos os custos fixos, inclusive os identificáveis com os produtos (custos fixos diretos), são debitados ao resultado do período em que são incorridos”. Ou seja, só se consideram aqueles custos que variam em proporção direta ao volume de produção (custos e despesas variáveis) e os demais (custos e despesas fixas) são considerados como despesas do período.

Leone (1997) cita uma das vantagens observadas já com relação a essa estrutura de apropriação dos custos, como: a facilidade de preparação e inteligibilidade das demonstrações contábeis por aqueles não afetos a contabilidade e a forma como são destacados os custos e despesas fixas na visualização da influência que esses têm no lucro. Outro ponto a observar, é que os custos e despesas variáveis são mais facilmente controlados por possuírem unidades de medidas operacionais e físicas que os dirigem, diferentemente dos custos e despesas fixas que não possuem seus direcionadores visíveis.

Para Padoveze (2006, p.278) “o conceito de análise comportamental de custos, separando-os em custos fixos e variáveis, possibilita uma expansão das possibilidades de análise dos gastos e das receitas da empresa, em relação aos volumes produzidos ou vendidos”. Essa relação conduz aos conceitos da margem de contribuição, do ponto de equilíbrio e da margem de segurança, como explicados adiante, fundamentados pelas informações que o método do custeio variável fornece e que representam uma das melhores fontes de informações sobre o desempenho dos produtos e da organização aos gestores para as tomadas de decisão.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

De acordo com Gil (2002), utiliza-se uma classificação quanto aos objetivos gerais. Assim, é possível classificar a presente pesquisa em três grupos, a saber: exploratórias, descritivas e explicativas.

Pesquisa exploratória, para Beuren *et al* (2010, p. 80) “ocorre quando há pouco conhecimento sobre a temática a ser abordada. Por meio do estudo exploratório, busca-se conhecer com maior profundidade o assunto, de modo a torná-lo mais claro ou construir questões importantes para a condução da pesquisa”. Gil (2002) destaca que a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema. Para tanto, o estudo se propôs a apurar o resultado individual das propriedades e o resultado em forma de cooperativa para vislumbrar o resultado econômico financeiro.

Segundo Vergara (2007, p.47), “a pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza”. Ainda sobre a pesquisa descritiva, Cervo e Bervian (2006) afirmam que esse tipo de pesquisa não busca manipular as informações, mas sim observar, registrar analisar e correlacionar os fatos ou fenômenos. Este é o propósito da presente pesquisa ao buscar as informações das propriedades confrontando-as os resultados individuais com os resultados que poderiam ser obtidos na forma de cooperativa.

A pesquisa explicativa é definida por Gil (2002, p. 42-43) como tendo “a preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Por explicar o porquê e a razão dos fatos, esse tipo de pesquisa é a que mais aprofunda o conhecimento da realidade. Assim, o estudo buscou verificar como a formação de uma cooperativa de produtores rurais poderia rentabilizar os resultados de cada produtor.

Quanto à natureza do problema o estudo enquadrou-se como pesquisa aplicada, pois aplicou na prática conhecimentos sobre a formação de uma cooperativa no intuito de verificar a possibilidade de agregar valor para os produtores envolvidos.

As tipologia de pesquisa quanto à abordagem do problema, de acordo com Richardson (1999) *apud* Beuren *et al* (2010), enquadra-se no método qualitativo, pois não utilizou a estatística para demonstrar os dados e sim, analisou e interpretou as especificidades do objeto de estudo, ou seja, a constituição de uma cooperativa de produtores rurais. Desse modo a abordagem qualitativa possibilitou levantar questões e situações diárias dos produtores como também opiniões sobre a importância da cooperativa em termos de compra de insumos e comercialização da produção e conseqüentemente melhoria na geração de renda.

Quanto aos seus procedimentos o estudo enquadrou-se na classificação do estudo de caso (GIL, 2002) visto que seu objetivo principal foi estudar determinado grupo de produtores rurais com vista a atender o objetivo do estudo.

Para Santos (2004, p. 90) “coletar dados é juntar informações necessárias ao desenvolvimento dos raciocínios previstos nos objetivos”. Sendo assim, é a maneira como serão obtido e manuseado os dados para sua transformação em informações para o desenvolvimento do trabalho.

Vergara (2007) afirma que os meios de coletas de dados, em se tratando de pesquisa de campo, podem ser divididos em observação, questionário, formulário e entrevista. Para o estudo desenvolvido, o método utilizado foi a entrevista padronizada (ANDRADE, 2009, *apud* MARCONI, 1990, p. 85), e ainda a observação não participante, cujo objetivo foi verificar os procedimentos utilizados pelos produtores desde o processo da manutenção da cultura, colheita e comercialização.

Realizadas as entrevistas e os levantamentos bibliográficos, os dados coletados foram interpretados e apresentados evidenciando quais e quantos foram os custos, classificados em

fixos e variáveis, incorridos na primeira safra do ano de 2013 das 20 propriedades estudadas, com o objetivo de confrontar os mesmos custos sob o modo de sociedade cooperativa.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Principais características das propriedades

As 20 propriedades selecionadas para o estudo localizam-se no Município de Marialva-PR e são produtoras de uva de mesa das variedades Benitaka, Rubi, Itália e Red Globe. A Tabela 01 apresenta as propriedades e suas principais características.

Tabela 01 – Identificação das Propriedades

Propriedade	Área (m ²)	Pés de uva	Produção (kg)	Preço Venda (R\$)	Total (R\$)
A	5.000	350	13.000	1,8	23.400,00
B	5.000	400	11.500	1,6	18.400,00
C	12.890	780	25.000	2	50.000,00
D	3.000	280	4.200	2	8.400,00
E	2.000	200	3.800	2	7.600,00
F	3.436	270	4.100	2,5	10.250,00
G	6.000	430	11.000	1,8	19.800,00
H	7.000	390	13.500	2	27.000,00
I	7.000	585	16.500	2,5	41.250,00
J	3.500	200	3.500	1,8	6.300,00
K	6.000	350	3.700	2	7.400,00
L	4.000	260	4.000	2,5	10.000,00
M	5.000	350	3.400	2	6.800,00
N	3.500	220	2.000	2	4.000,00
O	5.000	310	9.200	2,5	23.000,00
P	4.500	300	6.000	2	12.000,00
Q	3.000	210	4.100	1,8	7.380,00
R	2.800	200	3.500	2	7.000,00
S	6.000	380	11.500	2	23.000,00
T	8.000	620	15.000	1,8	27.000,00
TOTAL	102.626	7085	168.500	2,03	339.980,00

Fonte: elaborado pelos autores (2014)

As áreas apresentadas correspondem às propriedades em sua totalidade, incluindo casas, barracões, hortas, pomares, entre outros, não sendo considerado somente o espaço ocupado pelas parreiras. Assim, numa mesma área ou áreas aproximadas, não necessariamente possui proporcionalidade em relação à quantidade de pés de videiras.

Analisando as informações apresentadas na Tabela 01, verifica-se que nem sempre a maior propriedade será aquela que produz a maior quantidade. Para produzir são considerados diversos fatores que podem interferir na quantidade e na qualidade dos frutos produzidos, como por exemplo: o tratamento adequado do solo, poda no período certo, muita ou pouca água (irrigação ou de chuva).

Outro fator que interfere na baixa produção é a renovação da parreira, que significa tirar o pé atualmente plantando e plantar outro. Esse procedimento é necessário em toda lavoura perene (ciclo longo), que não precisa ser replantada após cada colheita, porém, precisa de

renovação para voltar a produzir em maior quantidade. Na região em que estão localizadas as propriedades em estudo, a renovação geralmente ocorre entre 15 a 20 anos de produção.

Em relação à comercialização o preço é definido pelos seguintes aspectos: beleza do cacho de uva; doçura da fruta; demanda do mercado e também na definição do comprador do produto. Em função desses aspectos os preços de venda apresentados são diferentes como mostra a Tabela 01.

Embora o estudo tenha sido realizado nas propriedades cujas parreiras já estão formadas há aproximadamente 12 anos, para uma melhor compreensão do processo produtivo convencionou-se elaborar e apresentar o fluxograma da formação do parreiral, representado na Figura 01, e o fluxograma da produção do parreiral, representado pela Figura 01.

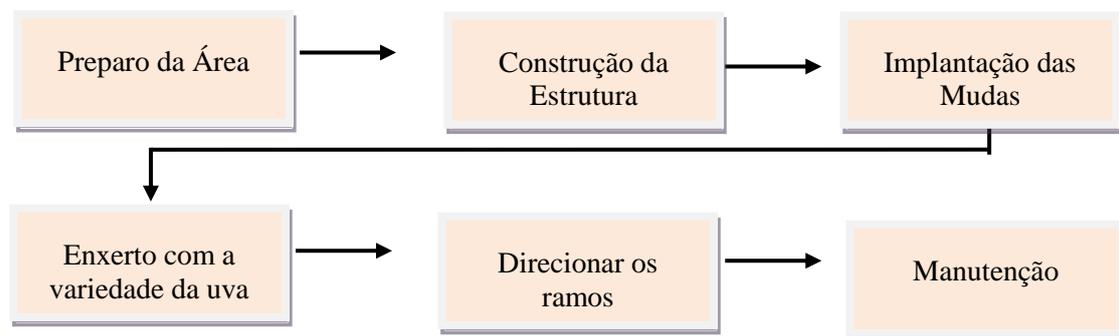


Figura 01 - Fluxograma da Formação do Parreiral
Fonte: elaborado pelos autores (2014)

Como pode ser visualizado na Figura 01, a instalação da parreira inicia-se com a eliminação de outras culturas, como também das pragas e plantas invasoras existentes na área. Após a limpeza da área é erguida a estrutura de sustentação da parreira, utilizando materiais como, cantoneiras; palanques (normalmente de eucalipto), fincadas no solo com aproximadamente 1,5m de profundidade, os postes e os arames.

O passo seguinte consiste em plantar as mudas, denominadas “cavalos”. Após a planta ter crescido em torno de um metro, é realizado o enxerto da variedade a qual se quer produzir. Após dois anos contados a partir do plantio (crescimento estimado), direcionam-se os ramos, um para direita outro para esquerda, assim cada ramo se encontra, juntando-se um ao outro, e ao crescer desenvolve fileiras uma a direita e outra a esquerda, formando a parreira tradicional.

Já na Figura 02 visualiza-se o processo produtivo da uva. A produção inicia-se pela adubação a qual é efetuada na terra paralela ao tronco da videira (adubo orgânico). Em seguida é realizada a poda da parreira e a aplicação de hormônio para estimular a brotação. Com a brotação desenvolvida (20 a 30 cm), faz-se a desbrotação dos ramos mais tenros para que os mais fortes fiquem para a vinda do cacho para que brotem as uvas em tamanho "chumbinho". Nesse momento passa-se o “pente próprio” para reduzir o número de frutos no cacho e aguarda-se o crescimento por aproximadamente um mês. Quando o fruto já está quase a ponto de amadurecimento, faz-se a raleação com a tesoura para deixar as melhores bagas.

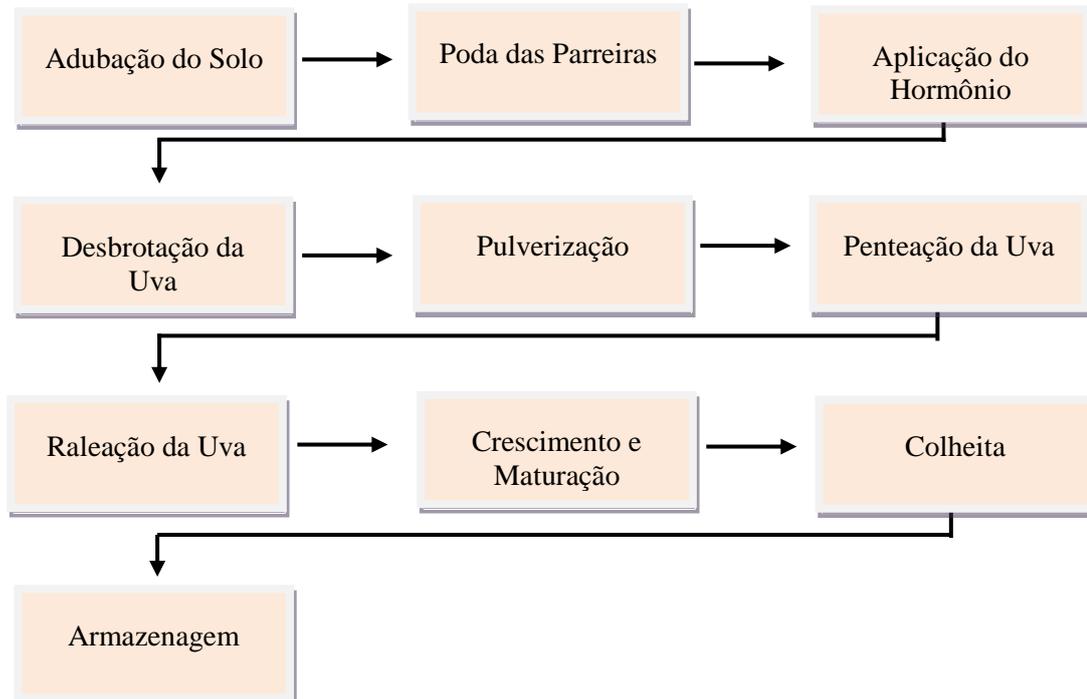


Figura 02 - Fluxograma de Produção do Parreiral
Fonte: elaborado pelos autores (2014)

A pulverização com fungicida e acaricida é realizada primeiramente quando surgem as primeiras uvas para prevenção de doenças, sendo reaplicada durante todo ciclo produtivo caso ocorra algum tipo de doenças. Após a realização de todas essas etapas, aguarda-se o crescimento e maturação dos cachos para serem colhidas e armazenadas até a venda.

4.2 Análise da constituição de uma cooperativa com a aplicação do método de custeio variável

Uma das alternativas para viabilizar economicamente as pequenas propriedades rurais é a constituição de uma cooperativa. A cooperativa permitiria melhorar a situação econômica de determinado grupo, solucionando problemas, atendendo as necessidades comuns, realizando ações e resultados que dificilmente alcançariam individualmente, como a redução dos custos dos insumos adquiridos em maior escala e evitando os atravessadores no momento da comercialização.

Tal situação motivou a realização da presente pesquisa que se propôs a verificar se a união de um grupo de viticultores da região estudada trará vantagens em relação à redução dos custos de produção e possivelmente melhores condições de comercialização do produto.

Para dar início ao estudo de viabilidade na formação da cooperativa de produtores, foram coletados primeiramente dados referentes aos insumos (adubos, hormônios e veneno) adquiridos pelos produtores para suas respectivas propriedades.

Para proceder-se na comparação de aquisição conjunta de insumos, obteve-se junto a cooperativa agroindustrial do município que comercializa insumos utilizados na cultura da uva, os valores por atacado desses insumos, e em seguida elaborou-se tabelas comparativas que são apresentadas na Tabela 02.

Tabela 02 - Resumo dos custos com insumos das propriedades

Propriedade	ADUBO		HORMÔNIO		VENENO	
	Varejo	Atacado	Varejo	Atacado	Varejo	Atacado
A	1.092,50	472,98	187,87	80,29	5.822,04	2.910,56
B	1.248,58	540,54	214,71	91,76	6.653,75	3.326,35
C	14.985,50	7.376,76	418,68	178,92	12.974,82	6.486,38
D	874,00	378,38	150,30	64,23	4.657,63	2.328,44
E	624,29	270,27	107,35	45,88	3.326,88	1.663,17
F	842,79	165,27	144,93	61,94	4.490,60	2.245,00
G	1.342,22	581,08	230,81	98,64	7.152,79	3.575,83
H	1.248,58	540,54	214,71	91,76	6.653,75	3.326,35
I	1.826,04	790,54	314,01	134,19	9.731,12	4.864,79
J	624,29	270,27	107,35	45,88	3.326,88	1.663,17
K	1.092,50	472,98	187,87	80,29	5.822,04	2.910,56
L	811,57	351,35	184,44	77,65	4.324,94	2.162,13
M	1.092,50	472,98	187,87	80,29	5.822,04	2.910,56
N	686,72	297,30	118,09	50,47	3.659,56	1.829,49
O	967,65	418,92	166,40	71,11	5.156,66	2.577,92
P	936,43	405,41	161,03	68,82	4.990,32	2.494,76
Q	655,50	283,79	112,72	48,17	3.493,22	1.746,33
R	624,29	270,27	107,35	45,88	3.326,88	1.663,17
S	1.186,15	513,52	203,97	87,17	6.321,07	3.160,03
T	1.935,29	837,84	332,80	142,22	10.313,32	5.155,84
TOTAL	34.697,39	15.710,99	3.853,28	1.645,54	118.020,28	59.000,84

Fonte: elaborado pelos autores (2014)

A apresentação dos dados na Tabela 02 permitem identificar a aquisição no conjunto (grupo) ou individualmente, junto com a diferença entre os dois valores que representa o quanto os produtores deixariam de gastar com esse custo por propriedade.

No que tange mão de obra, a atividade usa o trabalho estritamente familiar sem a necessidade de serviços de terceiros e, portanto não interfere no aumento ou diminuição de custos. Foram utilizados os valores de R\$ 60,00 a diária por pessoa para manutenção e colheita e as embalagens no armazenamento ao preço de R\$ 0,20 para caixas de 5 kg e R\$ 0,25 para caixas de 7 kg, como pode ser constatado na Tabela 03.

A Tabela 03 também apresenta os custos com embalagens. As embalagens utilizadas na colheita sofrem alteração de valores no varejo e atacado, conforme indicado na Tabela 04.

**Novas Perspectivas
na Pesquisa Contábil**

Tabela 03 - Custos com Mão de Obra

Propriedade	MO- Manutenção	MO - Colheita	Embalagem - Armazenamento
A	2.820,00	540,00	492,00
B	2.820,00	540,00	434,00
C	7.200,00	1.440,00	946,00
D	1.680,00	360,00	159,00
E	1.140,00	180,00	144,00
F	1.920,00	360,00	155,00
G	3.360,00	720,00	416,00
H	3.900,00	720,00	510,00
I	3.900,00	720,00	626,00
J	1.980,00	360,00	131,00
K	3.360,00	720,00	141,00
L	2.220,00	540,00	151,00
M	2.820,00	540,00	128,00
N	1.980,00	360,00	76,00
O	2.820,00	540,00	348,00
P	2.520,00	540,00	227,00
Q	1.680,00	360,00	155,00
R	1.560,00	360,00	131,00
S	3.360,00	720,00	434,00
T	4.440,00	900,00	650,00
Total	57.480,00	11.520,00	6.454,00

Fonte: elaborado pelos autores (2014)

Tabela 04 - Custos com Embalagem

Propriedade	Embalagem - individual			Embalagem - cooperativa		
	Quantidade - pequena (Un.)	Quantidade - grande (Un.)	Preço total	Quantidade - pequena (Un.)	Quantidade - grande (Un.)	Preço total
A	21	85	1.788,89	24	96	996,30
B	46	185	3.888,89	21	85	1.979,63
C	8	31	653,33	46	185	588,89
D	7	28	591,11	8	31	328,15
E	8	30	637,78	7	28	345,93
F	20	81	1.711,11	8	30	860,37
G	25	100	2.100,00	20	81	1.122,22
H	31	122	2.566,67	25	100	1.372,22
I	6	26	544,44	31	122	442,59
J	7	27	575,56	6	26	312,96
K	7	30	622,22	7	27	337,41
L	6	25	528,89	7	30	296,30
M	4	15	311,11	6	25	185,93
N	17	68	1.431,11	4	15	703,70
O	11	44	933,33	17	68	546,67
P	8	30	637,78	11	44	370,37
Q	6	26	544,44	8	30	304,81
R	21	85	1.788,89	6	26	890,74
S	28	111	2.333,33	21	85	1.238,89
T	0	0	-	28	111	166,67
Total	288	1152	24.188,89	312	1248	13.390,74

Fonte: elaborado pelos autores (2014)

Os valores para depreciação da estrutura e do parreiral foram calculados de acordo com os custos envolvidos desde a preparação do solo até a instalação das estruturas e formação total dos parreirais. Esses valores estão apresentados na Tabela 05, somados para as 20 propriedades. Vale notar que as estruturas junto com as parreiras já estão formadas há aproximadamente 12 anos.

Tabela 05 - Custos com Depreciação

	Vida útil	Valor	Depreciação
Parreiral	15 anos	13.184,20	10.547,36
Estrutura	25 anos	43.616,05	20.935,70

Fonte: elaborado pelos autores (2014)

Em relação aos impostos, a cooperativa não tem vantagens fiscais sobre os produtos vendidos por ela. É importante ressaltar que o trabalho do cooperado por meio da cooperativa e os produtos produzidos pelos cooperados entregues na mesma não geram tributação, por serem considerados atos cooperativos. Por esse motivo, tanto a cooperativa quanto os

**Novas Perspectivas
na Pesquisa Contábil**

produtores individualmente, que são pessoas físicas, não tem incidência de Imposto de Renda Pessoa Jurídica e Contribuição Social sobre o Lucro Líquido.

O Imposto Territorial Rural (ITR), conforme Oliveira (2010), não incide sobre pequenas propriedades rurais exploradas pelo proprietário ou com seus familiares, como no caso das propriedades estudadas, e os imóveis rurais explorados por associação ou cooperativa de produção também são isentos do ITR.

As Sobras ou o Lucro Líquido seriam divididos aos produtores de acordo com o volume de negócios, ou seja, a porcentagem que cada produtor terá sobre o Lucro/Sobra é mesma que cada um tem em relação ao volume total de vendas, conforme Tabela 06.

Tabela 06 - Sobras ou Lucro dos Produtores

Propriedade	% Participação	Individual	Cooperativa
A	6,88	4.046,25	9.952,23
B	5,40	3.175,83	7.811,34
C	14,70	8.645,33	21.264,20
D	2,48	1.458,53	3.587,43
E	2,24	1.317,39	3.240,26
F	3,05	1.793,76	4.411,96
G	5,83	3.428,72	8.433,36
H	7,94	4.669,65	11.485,56
I	12,10	7.116,22	17.503,19
J	1,85	1.088,02	2.676,11
K	2,18	1.282,12	3.153,47
L	2,94	1.729,06	4.252,84
M	2,00	1.176,24	2.893,09
N	1,18	693,98	1.706,92
O	6,77	3.981,55	9.793,11
P	3,53	2.076,05	5.106,30
Q	2,17	1.276,22	3.139,00
R	2,06	1.211,52	2.979,88
S	6,77	3.981,55	9.793,11
T	7,93	4.663,77	11.471,10
Total	100,00	58.811,76	144.654,46

Fonte: elaborado pelos autores (2014)

Em suma, na Figura 03 demonstra em percentual a representatividade dos custos, fixos e variáveis, sobre o total apurado na safra estudada.

Conforme apresentado na Figura 03, a maior parte dos custos de produção está nos insumos. A cooperativa, sendo uma pessoa jurídica, facilitaria a compra diretamente dos fabricantes em grande escala a preço de atacado, sem a margem de lucro dos comerciantes, como no caso do adubo Yoorin que é comprado no varejo a R\$ 1,4/kg e no atacado por R\$ 0,53/kg, ou seja, os produtores estariam pagando individualmente, 164% a mais pelo produto.

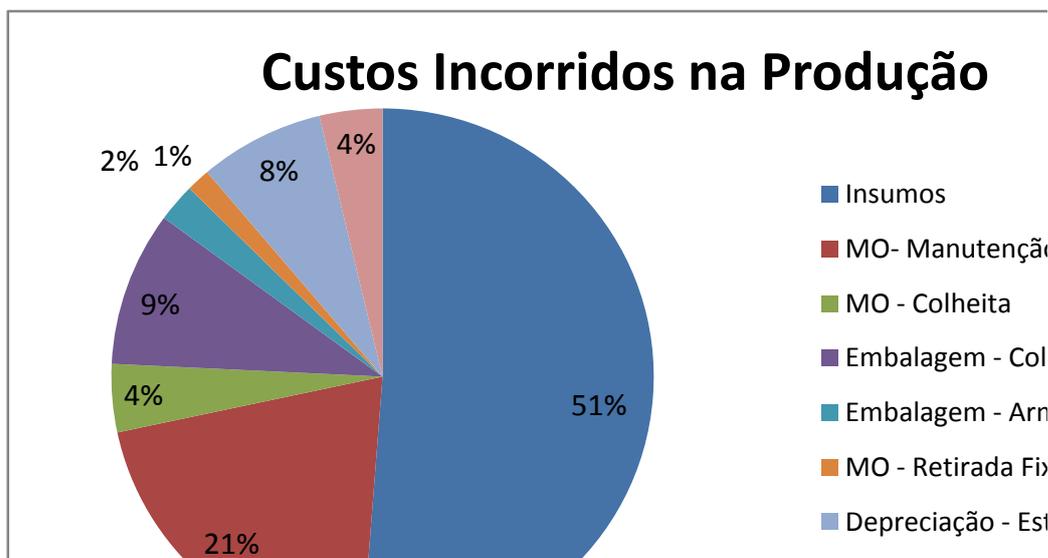


Figura 03 - Custos Incorridos na Produção
Fonte: elaborado pelos autores (2014)

Utilizando a estrutura proposta pelo método de Custeio Variável, elaborou-se a Demonstração do Resultado individualmente e coletivamente na forma de cooperativa, apresentado na Tabela 07, para melhor visualizar os custos totais incorridos na produção da safra normal em todas as 20 propriedades.

Tabela 07 - Demonstração do Resultado

Demonstração do Resultado	Individual	Cooperativa
RECEITA COM VENDAS	339.980,00	339.980,00
(-) Custos Variáveis	245.685,17	159.842,48
MANUTENÇÃO	201.500,17	127.514,48
Insumos	144.020,17	70.034,48
Mão de Obra Familiar	57.480,00	57.480,00
COLHEITA	37.731,00	25.874,00
Mão de Obra Familiar	11.520,00	11.520,00
Embalagem	26.211,00	14.354,00
ARMAZENAMENTO	6.454,00	6.454,00
Embalagem	6.454,00	6.454,00
(=) MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO	94.294,83	180.137,52
(-) Custos Fixos	35.483,06	35.483,06
Mão de Obra Familiar	4.000,00	4.000,00
Depreciação Estrutura	20.935,70	20.935,70
Depreciação Parreiral	10.547,36	10.547,36
(=) LUCRO DO PERÍODO	58.811,76	144.654,46
Por Cooperado	2.940,59	7.232,72

Fonte: elaborado pelos autores (2014)

O valor referente a Receita com Vendas foi obtido com base na Tabela 01, ou seja, multiplicando-se o total da produção de cada propriedade ao valor médio de venda de cada.

Conforme os dados apresentados e considerando os valores apresentados na demonstração do resultado, os produtores teriam diminuição de 126,01% dos custos e 145,96% a mais de lucro/sobra se trabalhassem sob o sistema de cooperativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a agricultura ser uma atividade produtiva de grande importância para o ser humano, os agricultores enfrentam múltiplos problemas e dificuldades sem ter o devido apoio do governo e da sociedade em geral. Os problemas mencionados abrangem os de caráter externo como crédito rural burocratizado, insumos caros, tecnologias agropecuárias inadequadas e, internos como falta de conhecimento dos agricultores para administrarem suas propriedades, que incidem negativamente no desenvolvimento agropecuário. Além desses, existem aqueles que fogem do controle dos agricultores e até mesmo dos governos, que são os de cunho climáticos e solo. Por exemplo, caso a chuva atrase, a lavoura fica afetada, se chover excessivamente, a mesma também será prejudicada.

Nessas condições, a sobrevivência dos produtores fica comprometida, pois a receita obtida praticamente não cobre os custos incorridos, ou o que se obtém de lucro é pouco para manter a propriedade. Portanto, a busca por alternativas de ações coletivas, como a cooperativa, é fundamental.

O resultado apresentando demonstra que pelo sistema cooperativo o resultado operacional é de R\$ 144.654,46 enquanto individualmente é de R\$ 58.811,76, o que demonstra a importância do sistema para os produtores locais. Assim, os produtores poderiam economizar o valor de R\$ 85.842,70 e essa diferença poderia ser investida em: tecnologias para melhorar e aumentar a produção; barracões de armazenamento climatizado para que a fruta dure mais e assim serem comercializadas quando a demanda for menor, obtendo, conseqüentemente, aumento no preço de venda; visitas de profissionais para avaliar o solo; entre outras. Além disso, a cooperativa tem acesso mais fácil a créditos de financiamento de recursos, a juros mais baixos subsidiados pelo governo, para melhoria das condições de produção.

O presente estudo proporcionou mais conhecimento sobre a atividade desenvolvida, os problemas e dificuldades enfrentados pelos agricultores. Para tanto, os resultados quando apresentados aos agricultores pode ajudá-los a encontrar uma solução que evite ou diminua o êxodo rural e ainda a mudança arriscada para outro tipo de cultura devido ao descontentamento pelos escassos recursos obtidos com a atividade.

Seria de grande importância para o meio acadêmico se mais trabalhos fossem realizados ligados ao Sistema Cooperativismo como alternativa de viabilidade econômico-financeira às pequenas propriedades, analisando os impactos dos investimentos em tecnologia e assistência técnica na melhoria de produção, como também os impactos financeiros com a comercialização ao ser efetuada sem interferência dos atravessadores.

Em suma, a presente pesquisa atingiu seu objetivo proposto de “apurar o resultado individual das propriedades e o resultado em forma de cooperativa para vislumbrar o resultado econômico financeiro”. Os resultados revelam os ganhos em termos financeiros que poderiam ser obtidos pelo grupo de produtores se estes estivessem organizados na forma de cooperativa.

Como limitação do presente estudo ressalta-se que a presente pesquisa não teve o intuito de verificar se os produtores apresentam princípios associativistas os quais são de vital importância para o sucesso de uma cooperativa. Este poderia ser objeto de uma nova pesquisa, a qual poderia abordar os preceitos do desenvolvimento regional e a formação de uma cooperativa de pequenos viticultores como alternativa para evitar o êxodo rural, aumentar a renda das famílias rurais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- BEUREN, I. M. *et al.* **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3. ed. 5. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LEONE, G. S. G. **Curso de contabilidade de custos**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- MARION, J. C. **Contabilidade e controladoria em agribusiness**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MARTINS, E. **Contabilidade de custos**. 9. ed. 6. reimpr. São Paulo: Atlas, 2006.
- MARTINS, E.; ROCHA, W. **Métodos de custeio comparados: custos e margens analisados sob diferentes perspectivas**. São Paulo: Atlas, 2010.
- OCB. **Cooperativismo**. Disponível em: <http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/index.asp>. Acesso em: 03 de Março de 2013.
- OCB-MT. **Cooperativismo no Mundo: Aliança Cooperativa Internacional/ACI (ICA)**. Disponível em: <http://www.ocbmt.coop.br/TNX/index2.php?tarja=1&sid=83>. Acesso em: 14 de Março de 2013.
- OLIVEIRA, N. C. **Contabilidade do agronegócio: teoria e prática**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2010.
- PADOVEZE, C. L. **Curso básico gerencial de custos**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.
- PIZZOLATTI, I. J. Visão e Conceito de Agribusiness. [online] Disponível na internet via WWW. URL: [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/d086c43daf01071b03256ebe004897a0/c84fadced2d0109e03256f0e00788fa6/\\$FILE/NT0009853A.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/d086c43daf01071b03256ebe004897a0/c84fadced2d0109e03256f0e00788fa6/$FILE/NT0009853A.pdf). Acesso em: 15 de agosto de 2012.
- SANTOS, A; GOUVEIA, F. H. C.; VIEIRA, P.S. **Contabilidade das sociedades cooperativas: aspectos gerais e prestação de contas**. São Paulo: Atlas, 2008.
- SILVA, A. C. R. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade: orientações de estudos, projetos, artigos, relatórios, monografias, dissertações, teses**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- VITORINO, J.; AZOLIN, B. **O ABC do Cooperativismo**. São Paulo: Dinâmica Gráfica, 1994.